

# Lâminas de aponta-dor

Maria da Glória S. Telles da Silva<sup>1</sup>

*A verdade às vezes dói. Às vezes mata, mas é sempre verdade. As marcas deixadas, sejam por amor, corte ou tatuagem, ficam para sempre. (...) As marcas que ficam na gente são aquilo que esquecemos e aquilo que somos para sempre.*

GABRIEL MOOJEN, *Histórias tatuadas*.<sup>2</sup>

Há algum tempo, venho acompanhando sujeitos cujas questões derivam deste momento da vida em que estão imersos neste enfrentamento com o Real pulsional desencadeado pelo segundo despertar sexual, socialmente chamado de adolescência. Certos requerimentos estruturais são necessários para o sujeito alcançar um reposicionamento lógico neste momento de sua vida. Alguns sujeitos não encontram suficiente suporte pelas vias do imaginário e do simbólico para fazer o necessário ciframento do real pulsional, o que pode ser desastroso, dando lugar ao sem sentido da vida e colocando-os frente ao abismo da morte. Em alguns casos, esse recobrimento do real, eclipsando o simbólico e o imaginário, leva-os a valer-se de objetos ao alcance de sua mão, como facas e outras lâminas afiadas, para abrir fendas na própria pele como forma de dar vazão à dor de existir. A frequência, a repetição e a proliferação com que tais eventos têm acontecido é impactante, e aguçaram meu interesse em investigar o quê está em jogo aí.

Mais além da singularidade que move cada sujeito a tal prática, insistia ali uma questão: *a qual arranjo estrutural responde este ato de **cortar-se**?*

---

<sup>1</sup> Membro Efetivo da BS Freud, Porto Alegre – RS.

<sup>2</sup> Moojen, G. *Histórias tatuada*. LPM, Porto Alegre, 2000.

Tais atos sempre vêm justificados como sendo um *meio de dar alívio a uma dor, uma dor que não vem do corpo, mas de uma grande tristeza e sofrimento* para esses jovens. Assim o dizem, e leio aí que os cortes realizados no corpo produzem uma sensação imediata de alívio de uma angústia, angústia esta que é produto da desestabilização fantasmática própria a este momento estrutural denominado adolescência. Uma das consequências desse desarmamento da organização fantasmática, que até então dava sustentação a sua estrutura, é deixar o sujeito à deriva, sem nada saber do que possa garantir sua existência, vivenciando tal período como um iminente risco de desvanecimento.

A cada nova história que escuto uma mesma pergunta ressoa: o que leva um jovem a suportar, a ser suporte de um ato que o dilacera e produz espanto aos outros? O que arrisca ao riscar a própria pele?

Inseridos e constituídos no mundo desde a palavra, somos produto do registro simbólico inscrito pelo grande Outro, que, juntamente com as cordas do imaginário e do real, conformam nossa estrutura de sujeitos. Se o que nos constitui como *parletre* é sermos marcados pelo significante, neste ato fundamental, como todo verdadeiro ato, *tem sempre uma parte de estrutura que diz respeito a um real que não é evidente.*<sup>3</sup> Nesse tramado constitutivo, aonde um veio pulsional vai se intrincando a outro, neste movimento de enodamento dos registros, o esperado é que um faça limite ao outro, gerando assim a possibilidade da construção do fantasma que dará sustentação à condição desejante do sujeito.

Mas, nem sempre o esperado acontece, e, citando a Silvia Amigo, *quando alguma pulsão escapa do intercorte que deveriam exercer as pulsões entre si, essa pulsão vai ter um destino mortífero para o sujeito e vai ser função da análise voltar a intrincá-la. Contudo, uma passagem pulsional dessa natureza, deixa cicatrizes profundas.*<sup>4</sup>

O potencial do Outro primordial, encarnado pela mãe, em dar significação fálica ao filho, permitindo que esta se sobreponha ao gozo fálico que o filho lhe ativa, será determinante para o destino e a consistência fantasmática desse sujeito.

---

<sup>3</sup> Lacan, J. Seminário, Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, RJ, 1988. (pg.52)

<sup>4</sup> Amigo, Silvia. Clínica de los fracasos del fantasma. Homo Sapiens Ediciones, 1999, Rosário. Argentina. (págs. 33 e 34).

De acordo com o que diz Lacan, no seu Seminário *RSI*, *o sujeito é causado por um objeto que só é notável por uma escritura*,<sup>5</sup> a escritura do arranjo fantasmático. Essa escritura, nem sempre é fácil de ser lida, e nem sempre garante uma estabilidade na tramitação dos gozos; dependendo da força do real em jogo, pode dificultar ao sujeito navegar pelos rastros de sua incompletude, com mais ou menos consistência, com mais ou menos recursos para avançar ou estancar em seu avatares.

Reconhecer-se sujeito, movido por um desejo, marca última deste ato que o funda e o identifica como nascido do Outro, embora seja o ponto de partida, é sempre o que paira no horizonte. O processo da análise consiste em dar ao sujeito a possibilidade deste reconhecimento e, quiçá, encontrar recursos para novas significações do que ficou inacabado.

E foi considerando esses pressupostos que minhas investigações conduziram-me a reconhecer nesse *cortar-se*, neste ato reflexivo, uma tentativa do sujeito em produzir determinada inscrição significativa que em seu processo constituinte ficou arranhado, sofreu avarias.

Quando, desde o segundo despertar da sexualidade, ocorre uma desestabilização do fantasma que até então amarrava o sujeito a uma conformidade na vida, isto traz de arrasto uma quebra na imagem do eu, *i(a)*. Sem o suporte imaginário, sem a sustentação do eu como envoltório discursivo capaz de criar uma imagem desse corpo separado do outro, o corpo em sua dimensão real se oferece à pulsão como porta de entrada e meio de gozo.

Em *A terceira*, Lacan nos diz que *o corpo se introduz na economia do gozo pela imagem*.<sup>6</sup> Logo, a sustentação do corpo para o sujeito requer um suporte do imaginário. Mas quando ocorre uma impossibilidade de constituir uma amarração entre as cordas do imaginário com o simbólico, o real pulsional domina, e *cortar-se* se apresenta como resposta do sujeito, eclipsado pelo furo do real, em busca de uma inscrição do real pulsional, ao mesmo tempo em que dá lugar à satisfação do gozo do Outro.

Nos casos que acompanho, o que primeiro chega do sujeito é sua *mostração*, seu *acting-out*. Um ato produzido fora da relação transferencial e que o trabalho analítico tentará inscrevê-lo em seu enodamento borromeano.

---

<sup>5</sup>Lacan, J. *Seminário RSI*, aula de 21 de janeiro de 1974.

<sup>6</sup>Lacan, J. *A terceira*. In: *Intervenciones y Textos 2*. Ediciones Manantial. Buenos Aires, Argentina, 1988. (Pg. 91)

Tal *acting-out* declara a tentativa fracassada do sujeito em engendrar uma separação do Outro da demanda, no caminho de buscar um novo arranjo de seu lugar no desejo do Outro.

Se para Descartes, desde sua famosa frase *Cogito, ergo sum*, mesmo que o homem duvidasse de todas as verdades proferidas, a única certeza que podia afirmar de sua existência era o fato de que, via consciência, podia pensar. O peso dessa afirmação segue vigente até os dias de hoje. E, cada vez que alguém põe a vida em cheque, gera um alerta que declara: a vida não está garantida! O pacto que pode garantir a vida se dá no reconhecimento da relação com o Outro, logo, via inscrição do significante Nome-do-Pai como amarra dessa relação. Quando falha essa amarra, surge com força a face do sem sentido da vida, da falta de razão para existir e até mesmo a convicção de que nada vale a pena para garantir uma vida que não seja regida por um gozo pleno, vale dizer, mortífero. A marca do Outro paterno, que deve garantir o escoamento do gozo do Outro e ser suporte ao gozo da incompletude, o gozo fálico por excelência, foi deficitária. Sem contar com um significante fálico capaz de barrar o gozo do Outro e fazer a função de representação do sujeito do seu lugar no desejo do Outro, mais frágil serão seus recursos para responder às contingências que a vida apresenta.

O que encontramos nesses atos que abalam a confiança na vida, é um movimento moebiano, confirmando o adágio laciano *Sou onde não penso*. *Cortar-se*, enquanto ação movida pela razão, desbanca a expressão magna da existência cartesiana ao trazer risco à vida. Pensar já não garante a existência. Na outra borda da cinta, tal ação, movida desde uma pulsão inconsciente, paradoxalmente, busca afirmar a existência do ser, na medida em que inclui e convoca o Outro como testemunha desse *vacilo do ser*.

*Cortar-se* raramente resume-se a um único episódio. Geralmente fazem série. Entretanto, diferente da *wiederholen* freudiana, a repetição desses atos não diz do retorno do recalcado. Não se trata da insistência significativa, ao contrário. A repressão não chegou a realizar ali seu trabalho, e o ato é o preço que a pulsão cobra na busca de uma inscrição dos significantes do Outro para tentar um novo arranjo fantasmático mais eficaz. Tais repetições emergem no interstício gerado entre a frágil consistência dos *significantes do Outro* alocados no sujeito e o que não chegou a fazer marca significativa.

O certo é que tal ato carrega também uma satisfação. Por qual via essa satisfação se produz?

Considero a repetição desses atos de *cortar-se* não do lado do *Autômaton*, tal como nos fala Lacan no Seminário 11, já que, não se trata de um retorno movido pela roda do significante, mas como *Tyquê*, sendo nessa via que Lacan inscreveu a idéia de uma repetição associada ao acaso, enquanto um *encontro faltoso*.<sup>7</sup> Portanto, nesta ação de *cortar-se*, não se trata de retorno do recalcado, mas sim da repetição, enquanto encontro faltoso, que, nesse movimento, busca desbastar o mais possível o gozo do Outro na espera de uma significação ex-sistente no momento desses atos. Faltando uma marca significante efetiva para dar contorno ao objeto *a*, este fica à deriva, e encontra força, na pujança do real, pulsando continuamente.

No Seminário *A Angústia*, Lacan nos fala dos tempos de uma operação de divisão do Sujeito em relação ao Outro, onde a angústia se apresenta entre o Gozo e o Desejo. Pois situo nesse patamar o ato de *cortar-se*, como vestígio do que ainda não finalizou dessa operação. *Cortar-se*, possibilita-nos ver que essa divisão, essa separação do Sujeito ao Outro, produzindo o *a* como resto inassimilável ao significante, não só não se efetivou plenamente, como o *a* está aprisionado neste corpo pulsional que insiste, pela repetição dos atos, *no caminho de sua busca, a qual não é a busca de seu gozo, mas é ao querer fazer esse gozo entrar no lugar do Outro, como lugar do significante, que se precipita, que se antecipa como desejante*.<sup>8</sup>

Trata-se, portanto da reverberação do real, real este que se apresenta como vazio e não encontrou, nem pelos objetos do mundo, nem pelas palavras, uma via de representação para nomear a falta, o desejo. Vale-se para isto do corpo, matéria primeira de expressão do gozo.

Perder o sangue, significante *princeps* para dizer da linhagem familiar (paterna), declara a necessária caída, através desse elemento que representa o amalgamento do sujeito no campo do Outro. Se aproximarmos tal ato ao jogo infantil do *Fort-Da*, pode-se dizer que ali no *cortar-se*, no fio da lâmina que o jovem segura, ao cair esse rastro de sangue, se encena

---

<sup>7</sup> Idem nota 3. (pg. 57).

<sup>8</sup> Lacan, J. Seminário *A angústia*, livro 10. Zahar, Rio de Janeiro, 2005, pág.193.

uma separação jubilosa do sujeito do campo do Outro, desde esse elemento do real do corpo, - o sangue -, para, em seguida, buscar formas de dizer da dor da separação.

O trabalho da análise consiste em possibilitar ao sujeito completar essa operação ao fazer desprender dessas cicatrizes os significantes dessa divisão.

É certo que há razões inconscientes, inacessíveis mesmo ao sujeito, que levam a realização desses cortes. Diferente de um ato sintomático, não há um desconforto em realizá-los ou uma pergunta sobre o que os causa. Ao contrário, há uma insistência a repeti-los, ao mesmo tempo em que uma tendência a ocultá-los do olhar do outro, incidindo neste encobrimento uma ação do supereu como instância que reconhece a lei da proibição ao gozo, ao mesmo tempo em que o instiga. Ou seja, no encobrimento dos cortes, uma convocação: uma vez descoberto, já não cabe mais o silêncio. Nesse campo que se constitui com essa perda, neste movimento de cobrir/descobrir, para além da satisfação que se produz, resta uma angústia que possibilita a significação desses cortes.

Tais cortes, nos casos que acompanho, são múltiplos e descontínuos, caracterizando-se num espaço sem amarração, de bordas tão finitas quanto a extensão do próprio corpo, e deixam à mostra um intervalo, revelador da tênue consistência dessa separação do sujeito ao Outro, ainda não-toda produzida, ainda cunhada no corpo e com sangue, revelando a precariedade do desejo na sustentação desses sujeitos. Tempo este em que o sujeito orbita entre a falta de um significante que nomeie esse desejo e o reconhecimento de um objeto possível de representar algo desse desejo, incluindo-o no circuito da demanda. Tempo em que está *en souffrance*, suspenso entre o real inalcançável e o simbólico inacessível, valendo-se de seu corpo, um recurso mais consistente e capaz de sustentá-lo sem desvanecê-lo.

Restam outros pontos a explorar. Um deles é esta superfície a qual o corte está direcionado: a pele. A pele é uma via da erotização do corpo. Um corpo lastimado mescla fascínio e horror, pode provocar repulsa e apresentar-se como uma declaração de que o sujeito pode gozar perversamente de seu corpo, já que recusa a homeostase da tensão, caminho buscado pela via do prazer, cuja energia encontra-se enlaçada aos objetos que proporcionam essa satisfação parcial. De modo inverso, o gozo incrementa a tensão,

arriscando o total desfalecimento da vida. Ao marcar a carne, rompe-se com o imaginário de um corpo harmonioso feito para o prazer.

Deixar ranhuras à flor da pele seria também um modo do sujeito degradar sua imagem para o outro? Cair do lugar de objeto ideal para o Outro primordial?

Restará na cicatriz as marcas indeléveis da sua relação fusional com o Outro primordial, marcas que condensam, para sempre sua declaração de uma ruptura entre permanecer como objeto de desejo do Outro e assumir o difícil caminho para tornar-se sujeito de seu desejo.

Outro elemento significativo a considerar nesses atos de *cortar* a pele é o olhar. A invocação da pulsão escópica surge aí como um componente importante a indicar o objeto *a* que amarra o Sujeito ao Outro. Tal como num jogo de espelhos, o olhar de *um* encontra retorno no olhar *do outro*. Se em um primeiro momento, seu próprio olhar é a testemunha de seu ato, encobrindo-o para o olhar do outro, num segundo momento, é esperado que este outro, encarnado geralmente na figura dos pais ou amigos, descubra os cortes e se faça porta-voz desse desarranjo estrutural do sujeito, levando-o a falar disso. Neste movimento, se abre a possibilidade ao sujeito de reconhecer nas lâminas, usadas para cortar a pele, instrumentos que apontam à necessidade de falar da dor de existir.